

COLEÇÕES ARQUEOLÓGICAS DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI - PANORAMA DA RESERVA TÉCNICA E OS DESAFIOS DA CONSERVAÇÃO

Maura Imazio da Silveira^{*}

Vanessa de Castro Dutra^{**}

Camila Fernandes Alencar Silva^{***}

Regina Maria de Farias Ferreira^{****}

Cíntia Jalles^{*****}

Introdução

A Amazônia foi povoada por diversos grupos em diferentes períodos. Os vestígios mais antigos datam de 11.000 anos, encontrados na caverna da Pedra Pintada, em Monte Alegre/PA (ROOSEVELT *et al.*, 1996).

A cerâmica mais antiga das Américas, com datações em torno de 7.000 anos, é proveniente do Sambaqui de Taperinha/PA (ROOSEVELT *et al.*, 1991). Por volta do ano 1000 A.D., a região foi habitada por sociedades hierárquicas e populosas, com organizações sociopolíticas complexas e cultura material sofisticada. A maioria delas desapareceu nos séculos XVI e XVII, a partir do estabelecimento dos europeus na região (MCEWAN, BARRETO & NEVES, 2001; PEREIRA & GUAPINDAIA, 2010; SILVERMAN & ISBELL, 2008; entre outros).

Com a fundação do Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG - no século XIX, as coleções arqueológicas começaram a ser formadas. Atualmente, o acervo da Reserva Técnica Mário Ferreira Simões, assim chamado em homenagem a este pesquisador, é composto por coleções arqueológicas de imensa importância histórico-cultural e

^{*} Bacharel em Arqueologia pela UNESA/RJ, com Mestrado e Doutorado em Arqueologia pela USP/SP. Pesquisadora Titular e curadora do acervo de Arqueologia (RTMFS) da Coordenação de Ciências Humanas do Museu Paraense Emílio Goeldi - MCTI. mauraslvr@yahoo.com

^{**} Conservadora/restauradora de bens arqueológicos. Bolsista do Programa de Capacitação Institucional do MPEG para consultoria ao acervo de Arqueologia (RTMFS) da Coordenação de Ciências Humanas do Museu Paraense Emílio Goeldi - MCTI. vanessadecastrodutra@hotmail.com

^{***} Auxiliar Técnico do acervo de Arqueologia (RTMFS) da Coordenação de Ciências Humanas do Museu Paraense Emílio Goeldi - MCTI. camilafernandes@museu-goeldi.br

^{****} Técnico do acervo de Arqueologia (RTMFS) da Coordenação de Ciências Humanas do Museu Paraense Emílio Goeldi - MCTI (aposentada em junho de 2015). reginafariferreira@yahoo.com.br

^{*****} Arqueóloga, pesquisadora da Coordenação de História da Ciência e Tecnologia (COHCT) do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST/MCTIC) e doutoranda do Programa de Pós Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. cintia@mast.br

científica. Possui aproximadamente 120 mil objetos (inteiros e parcialmente fragmentados) e mais de 2 milhões de fragmentos de artefatos, procedentes de diversas regiões da Amazônia, material resultante de projetos de pesquisa arqueológica, doações, aquisições e coleções depositadas em regime de comodato (HUSSAK; GUAPINDAIA, 2006).

O acervo arqueológico destaca-se no cenário contemporâneo, uma vez que é composto por um conjunto numeroso e variado de objetos representativos da diversidade cultural dos povos que habitavam a Amazônia antes da ocupação europeia e também no período histórico. O principal objetivo da Reserva Técnica é salvaguardar as coleções de maneira adequada e controlada, em local com meio ambiente favorável à conservação dos materiais, à pesquisa científica e à divulgação de conhecimento produzido a partir dessas coleções.

A seguir, será apresentado um breve relato da formação das coleções arqueológicas da RTMFS e de como estão acondicionadas e mantidas. Em seguida faremos uma descrição sucinta da reserva, seus problemas, melhorias previstas, suas competências técnicas e atribuições. Por fim os desafios da conservação e uma breve conclusão.

Acervo Arqueológico da Reserva Técnica Mário Ferreira Simões (RTMFS)

- **Coleções da região de Carajás**

Formada por objetos coletados por Protásio Friekel nos anos 1960 e, mais recentemente, coletados em trabalhos de salvamento arqueológico desenvolvidos nesta região. Estes últimos foram coordenados por: Mario Simões, Daniel Lopes e Marcos Magalhães na área do Projeto Ferro Carajás; Edithe Pereira e Christiane Machado na área do Projeto Sossego; Maura Imazio, Christina Leal e Elisangela Oliveira na FLONATA - área do Projeto Salobo, entre outros (FIGUEIREDO, 1965; LOPES *et al.*, 1988; MAGALHÃES, 1995; PEREIRA, 2003; PEREIRA *et al.*, 2008; SILVEIRA, 1994; SILVEIRA *et al.*, 2009; SIMÕES *et al.*, 1985; SIMÕES, 1986; SIMÕES & ARAUJO-COSTA, 1987; entre outros)

Nos anos 1980, as pesquisas registraram nas grutas de Carajás os primeiros vestígios relacionados às ocupações mais antigas da Amazônia, em torno de 8.000 A.P. (antes do presente), na Gruta do Gavião. Os vestígios são compostos por: lascas de quartzo hialino, quartzo leitoso, ametista, citrino e água marinha; sementes e carvões; artefatos em osso; além de ossos de animais, provenientes da alimentação.

Na área do Projeto Salobo e do Projeto Sossego, sudeste do Pará, as pesquisas registraram vestígios de grupos ceramistas relacionados à Tradição Arqueológica Tupiguarani. Ainda no Salobo, foram coletados vestígios de grupos caçadores-coletores associados à ocupação mais antiga de Carajás. A referida área tem pelo menos 6.000 anos de ocupação.

- **Coleções do litoral**

Formada por coleções do nordeste do Pará, especificamente da região do Salgado. Representada por cerâmica Mina, conchas, ossos de animais e enterramentos humanos, em sítios conhecidos como sambaquis. Estes também possuem datações antigas, em torno de 8.000 a 1.000A.P (SIMÕES, 1981; ROOSEVELT *et al.*, 1991; SILVEIRA & SCHAAN, 2010). Existem ainda materiais de sítios cerâmicos com Terra Preta Arqueológica (TPA), com datações a partir de 2.900 A.P. (SILVEIRA *et al.*, 2011; CORRÊA, 1985 e 1987).

Culturas ceramistas

Os oleiros pré-colombianos foram responsáveis pela produção dos mais belos e elaborados conjuntos de objetos cerâmicos. Entre as principais sociedades pré-históricas que habitaram a Amazônia brasileira, em torno do ano 1000 A.D., destacam-se a Marajoara, Aruã, Santarém, Aristé, Maracá, e Guarita (BARRETO, 2005; MEGGERS, 1997; MCEWAN, BARRETO & NEVES, 2001; ROOSEVELT, 1995; SIMÕES, 1982; entre outros).

- **Coleções da região do Marajó**

Composta por antigas coleções encontradas por Clifford Evans e Betty Meggers, na década de 1950, além de outras, oriundas de pesquisas recentes realizadas na região da Ilha de Marajó e proximidades. (MEGERS & EVANS, 1957; MEGGERS 2001; ROOSEVELT, 1991; SCHAAN, 2004 e 2007; entre outros).

Cerâmica Marajoara

A cultura Marajoara ocupou a Ilha do Marajó, na foz do rio Amazonas, entre os séculos V e XIV. A cerâmica é caracterizada pela confecção de objetos cerimoniais muito elaborados, tanto na forma quanto na decoração. As técnicas decorativas

incluem pintura preta e vermelha sobre fundo branco, bordas vazadas, modelagem, incisão e excisão.

Cerâmica Aruã

Os índios Aruã inicialmente habitaram as regiões das Guianas e a costa amapaense, expandindo-se posteriormente para as Ilhas de Mexiana, Caviana e Marajó. Sua ocupação ocorreu aproximadamente do século XII ao XVIII. Os costumes funerários dos Aruã envolviam a deposição de ossos pintados de vermelho em urnas funerárias antropomorfas pintadas de vermelho e branco, cujos corpos eram semelhantes a casulos/crisálidas. A presença de contas de vidro em algumas urnas indica o contato com europeus e sugere também que essas populações chegaram às ilhas em época mais recentes.



Figura 1 - A) Urna funerária policrômica, Ilha de Marajó/PA, Foto: Camila Fernandes, 2015; B) Tanga em cerâmica, Ilha de Marajó/PA, Foto: Maura Imazio, 2015; C) Aplique cerâmico antropomorfo, Floresta Nacional Tapirapé-Aquiri/PA, Foto: Tayane Gama, 2015; D) Gastrópode com perfurações intencionais, Primavera/PA, Foto: Elisangela Oliveira, 2015; E) Sepultamento do Sambaqui Ponta de Pedras, Quatipuru/PA, Foto: Camila Fernandes, 2015; F) Lâmina de machado polido semi-lunar, Floresta Nacional de Carajás/PA, Foto: Camila Fernandes, 2015

• Coleções da região de Santarém - Oriximiná

A cerâmica de Santarém é atribuída aos Tapajó, sociedade indígena que habitou a foz do rio Tapajós, onde atualmente se encontra a cidade de Santarém, entre 1000 e 1500 A.D.. A cerâmica Santarém caracteriza-se pela predominância das

técnicas de modelagem e incisão, além de objetos de formas complexas. A iconografia é caracterizada, em geral, por animais da floresta tropical e representações humanas, algumas delas bastante naturalistas.

A coleção é composta por antigas coleções encontradas por Frederico Barata, Curt Nimuendaju e Townsend, além de coleções provenientes de pesquisas recentes (GUAPINDAIA, 1993, 1999 e 2008; MEIRELLES, 2011; MEGGERS, 1973; entre outros).

- **Coleções do Amapá**

Composta por coleções formadas no século XIX por Emílio Goeldi e Aureliano de Lima Guedes, provenientes das regiões de Maracá e Calçoene, respectivamente, incluindo também material oriundo de pesquisas recentes realizadas em Maracá. (GUAPINDAIA, 2001; BARBOSA, 2011; entre outros)

Cerâmica Aristé

Os grupos da cultura Aristé ocuparam uma área que abrangia desde o rio Araguari, no centro do Amapá até o Monte Ouanary, na Guiana Francesa, sentido sul-norte; e desde as margens do rio Oiapoque até o litoral, sentido oeste-leste. Estiveram nessa região de 600/625 A.D. até aproximadamente 1750 A.D.. A cerâmica é caracterizada por uma associação de pinturas e modelagem, produzindo motivos antropomorfos e zoomorfos. Entre os motivos decorativos, destaca-se a pintura vermelha, que lembra padrões de pele de onça, associada a elementos zoomorfos ou antropomorfos.

Cerâmica Maracá

A cultura Maracá ocupou a área em torno do Rio Maracá, na região sudeste do estado do Amapá, entre 1445 e 1645 A.D..

Entre os objetos cerâmicos mais conhecidos, estão as urnas funerárias contendo ossos, encontradas na superfície de cavernas e abrigos, usados como cemitérios. A maioria representa homens e mulheres sentados eretos com as mãos apoiadas em bancos zoomorfos, tendo seus corpos pintados com vários motivos nas cores preta, vermelha, branca e amarela. Outras urnas funerárias representam

animais quadrúpedes, semelhantes a jabotis, que também têm o corpo coberto com pinturas. A visão de um cemitério Maracá é impressionante, lembrando uma reunião, onde os membros participam de uma cerimônia ou estão juntos para decidir questões importantes.



Figura 2 - A) Urna Antropomorfa, Maracá/AP, **Foto:** Camila Fernandes, 2015; B) Prato Funerário Aristé, Rio Cunani/AP, **Foto:** Maura Imazio, 2015; C) Estatueta Antropomorfa, Santarém/PA, **Foto:** Camila Fernandes, 2015; D) Vaso Cariátides, Santarém/PA, **Foto:** Maura Imazio, 2015; E) Adorno lítico: Muiraquitã, Santarém/PA, **Foto:** Camila Fernandes, 2015; F) Lítico lascado - ponta de flecha, Tapajós/PA, **Foto:** Camila Fernandes, 2015; G) Ídolo de pedra, Oriximiná/PA. **Foto:** Camila Fernandes, 2015

• Coleções diversas

Grupo formado por pequenas coleções de objetos variados (artefatos cerâmicos, líticos, de osso, de madeira, etc.) provenientes de diferentes áreas da Amazônia brasileira. O acervo inclui ainda: 2 exemplares de polidores sobre os blocos originais de rocha, fichas de registro, desenhos, fotografias e exemplares originais de registro de “arte rupestre”, em reproduções gráficas e fotográficas.

A Reserva Técnica Mário Ferreira Simões e Salas Adjacentes

A Figura 3, a seguir, apresenta uma planta baixa da área de reserva técnica, com as metragens de cada área, por espaço.

1. 180m ²	2. 360m ²	3. 25,58m ²	4. 25,58m ²	8. 25,58m ²		
		7. 73,49m ²				
		5. 25,58m ²	6. 25,58m ²		Saída	
				Entrada		

Figura 3 - Planta baixa da RTMFS: 1. Futura ampliação da Reserva Técnica (180m²); 2. Atual Reserva Técnica (360m²); 3. Laboratório de Conservação e Restauração (25,58 m²); 4, 5 e 6. Laboratórios de arqueologia (25,58 m² cada). 7. Salão central para recebimento de material e para análises (73,49 m²); 8. Arquivo Documental Regina Farias (documentação e equipamentos) (25,58 m²)

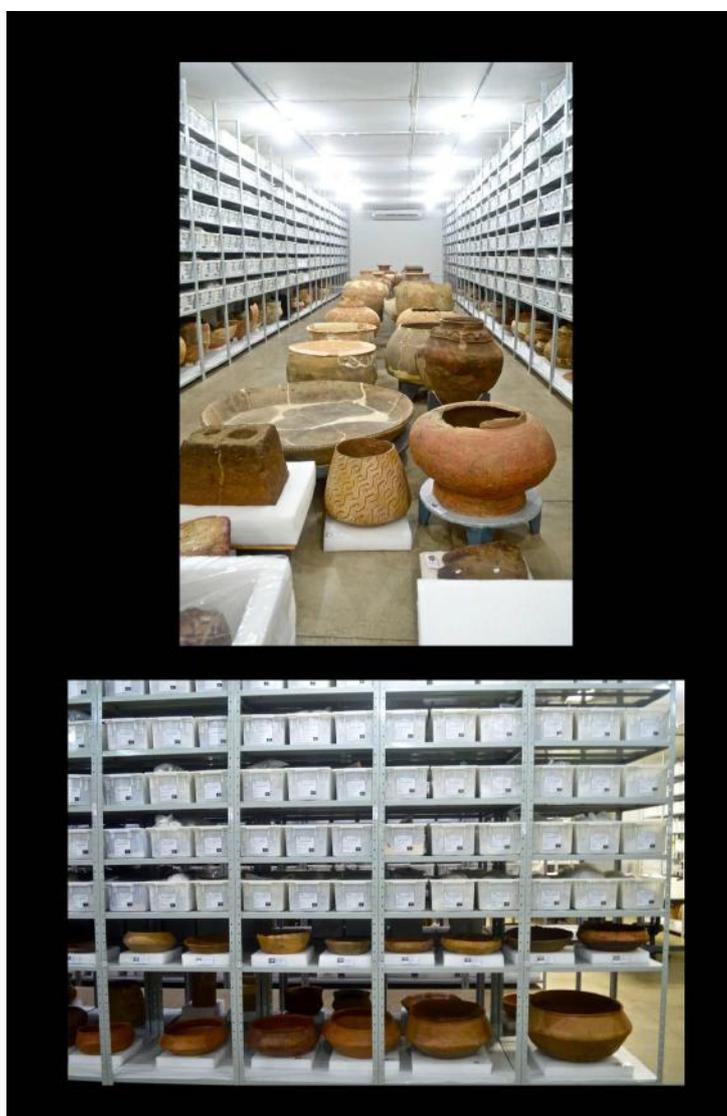


Figura 4 - Exemplo da disposição geral de peças. Espaço entre estantes reservado para peças maiores; Nas prateleiras inferiores, objetos inteiros ou parcialmente fragmentados acima, caixas com fragmentos e objetos pequenos. **Fotos:** Camila Fernandes, 2015

A Reserva Técnica atualmente conta com uma área de 360m², no setor de Arqueologia da Coordenação de Ciências Humanas (CHC – MPEG) contendo: 193 estantes em chapa de aço, com 8 prateleiras em cada; 4 aparelhos data loggers; 3 termohigrômetros e 5 aparelhos de ar condicionado tipo split (24.000BTUS).

A climatização da RTMFS possui sistema de refrigeração permanente. Convém ressaltar que em 1997 eram 10 aparelhos de ar condicionado de 30.000BTUS, que mantinham a temperatura entre 18°C e 21°C e a umidade relativa entre 55% e 65%. Atualmente, são 5 splits de 24.000BTUS, temperatura de 26°C e umidade relativa entre 55 e 65%. Quatro desumidificadores estão atualmente sem uso, pois as splits já retiram a umidade do ar.

As lâmpadas fluorescentes em calhas, em 2013 foram substituídas por lâmpadas PL em plafon. O sistema de prevenção contra incêndio conta com sensores de fumaça, extintores e porta corta-fogo, que foram instalados em 2014. Todo o antigo mobiliário de madeira utilizado para acondicionamento foi substituído por metal e polietileno (bandejas, caixas, espuma e manta). As amostras de solo foram transferidas, em 2014, para a Reserva de Solos (curadora Dra. Dirse Kern) da Coordenação de Ciências da Terra (CCTE), destinada especificamente a este tipo de material.



Figura 5 - Exemplo da organização de objetos menores e delicados. **Fotos:** Camila Fernandes, 2015

A RTMFS conta ainda com uma sala para documentação e equipamentos (Arquivo documental - Sala Regina Farias). Apenas a partir de setembro de 2014 foi reservada uma sala específica para guardar este tipo de material, que exige climatização adequada. A sala mede (3,0x7,0)m, possui um data logger para controle de temperatura e umidade, com climatização permanente (split de 24.000BTUs) em torno de 18°C, específica para preservar o material aí acondicionado: relatórios de pesquisas de campo; relatórios de análises de laboratório; fotografias e slides; fichas de campo; desenhos e croquis; mapas; livros de tombo; equipamentos (máquinas fotográficas, filmadoras, bússolas, GPS, balança de precisão, lupas binoculares, teodolitos, estação total, entre outros).

Outras unidades fazem parte do conjunto da Reserva Técnica. Um laboratório de conservação e restauração (3,0x6,0)m, sem split e data logger para climatização permanente). Um laboratório com material histórico (igualmente sem ar condicionado tipo split para climatização permanente e data logger para controle de temperatura e umidade). Dois laboratórios e um salão central - para receber o material que chega e para se procederem às análises - com um ar condicionado tipo split (24.000 BTUs) em cada.

Um banco de dados, elaborado por Regina Farias, técnica da RTMFS, é constituído por diversas tabelas e formulários no programa Access. A informatização facilita o acesso às informações e também a localização de objetos e documentação nos espaços da Reserva.

- **Problemas identificados na Reserva Técnica**

Os principais problemas estão relacionados à falta de recursos, tanto para contratação de profissionais especializados, como para manutenção adequada do prédio, ou aquisição de materiais e equipamentos necessários ao seu bom funcionamento.

Atualmente, para desempenhar todas as funções, há apenas uma curadora e uma auxiliar técnica, quando seria desejável contar com um vice-curador, técnicos administrativos, conservadores e restauradores. Há falta de aparelhos para climatização adequada e a manutenção dos já existentes é deficiente, além de faltarem outros equipamentos específicos. Faltam materiais para acondicionamento, manuseio adequado e transporte de peças. Há necessidade de um laboratório de conservação adequado, com a aquisição de móveis e equipamentos (Split e data

logger para controlar e manter as mesmas condições de dentro da reserva), melhora da estrutura interna da sala e contratação de, pelo menos, dois conservadores/restauradores efetivos.



Figura 6 - Problemas decorrentes da falta de um conservador-restaurador: objeto c/ perda de policromia original, típica da lavagem com escova e água de pia, limpeza praticada até hoje.

Foto: Camila Fernandes, 2015

- **Melhorias previstas para a Reserva Técnica**

Estão previstas obras para ampliação da reserva inicialmente em uma área de (12mx15m) e, futuramente, reforma da área de 360m². No final do ano de 2015, com recursos oriundos do projeto FINEP para ampliação da reserva, foram adquiridas 22 estantes deslizantes que já foram instaladas em metade da reserva.

Está sendo desenvolvido um banco de dados em sistema MySQL (*open source*) específico para a reserva de Arqueologia. O SISARQUEO irá conter toda a informação do banco de dados já existente em Access.

Foi elaborado um projeto para publicação de catálogos do “Acervo Arqueológico do Museu Paraense Emílio Goeldi”. Cada volume contará com textos e imagens representativas de cada coleção, organizados por pesquisadores que atuaram ou atuam nas áreas em questão, de forma a apresentar ao leitor o contexto arqueológico dos objetos provenientes de cada região. Posteriormente será elaborado o catálogo de imagens. O projeto encontra-se em fase de captação de recursos.

Em 2016, foram adquiridos aparelhos para desmineralização de água (destilador), para que o material arqueológico possa ser devidamente higienizado. O procedimento com água corrente propicia, ao longo do tempo, a cristalização de sais, que causam perda de material original.

Competência Técnica e Atribuições

Para que se possa ter uma ideia de todas as atividades que cabem a uma reserva técnica de Arqueologia, serão listadas a seguir as atribuições e competências do corpo técnico da RTMFS.

- **Atribuições**

Podemos citar como principais: adquirir, catalogar e incorporar objetos e dados ao acervo; organizar e divulgar o acervo arqueológico; manter, preservar e conservar adequadamente o acervo; atender às demandas do IPHAN e do MPEG; efetuar vistorias periódicas do acervo, bem como do prédio e dos equipamentos; realizar ou participar de expedições de resgate; administrar doações e acompanhar obras de ampliação e reforma da RT, entre outras.

- **Atividades museológicas**

Finalizar elaboração do Banco de dados (SISARQUEO) para a RTMFS; efetuar periodicamente cópias de segurança do Acervo Digital; listar e quantificar objetos arqueológicos em planilhas eletrônicas; substituir material de acondicionamento e identificar com etiquetas padronizadas; colaborar na organização de exposições e

outros eventos técnico-científicos; apoiar a organização de eventos institucionais (Museu Portas Abertas, cursos, oficinas, entre outros); apoiar filmagens de documentários, vídeos, programas de TV, entre outros.

- **Atividades técnico-científicas**

Receber e armazenar objetos provenientes de doações e de pesquisas de campo, após sua correta higienização e análise; registrar novos objetos incorporados ao acervo arqueológico; efetuar vistorias periódicas nos acervos (arqueológico e documental); efetuar monitoramento climático do acervo arqueológico, inclusive da sala de documentação e equipamentos; identificar peças que necessitam limpeza e/ou restauração; limpar e/ou restaurar objetos do acervo arqueológico; migrar e conferir todos os dados referentes à reserva contidos no programa Access para o SISARQUEO (Banco de dados na plataforma MySQL); manter contato com conservadores e com o curso de Museologia da Universidade Federal do Pará, para orientação sobre preservação e conservação de acervo arqueológico; elaborar catálogos temáticos para divulgação do acervo arqueológico; elaborar material explicativo referente aos objetos do acervo, com sua proveniência e distribuição em linha do tempo; participar da elaboração de projetos para captação de recursos, juntamente com a curadora da RT da Antropologia, Claudia Lopez e a coordenadora do curso de Museologia da UFPA, Sue Costa, para o II Workshop Conservação Preventiva de Acervo Etnográfico e Arqueológico na Amazônia; dar continuidade à elaboração de protocolos, visando à padronização dos procedimentos a serem adotados com relação a empréstimos, saída, entrada, etc., do material da Reserva Técnica; analisar e emitir parecer sobre projetos que visem estudar coleções do acervo; Apoiar pesquisas científicas com objetos/coleções da RTMFS; apoiar eventos e projetos que necessitem utilizar material da reserva, tais como: workshops sobre conservação, cursos de restauração em cerâmica arqueológica, oficinas sobre cerâmicas da Amazônia, entre outros.

- **Atividades técnico-administrativas**

Efetuar a guarda e conservação dos documentos (relatórios, documentos fotográficos, fichas de campo e decalques de arte rupestre) e equipamentos de fotografia, vídeo, lupas binoculares, estação total, etc., acondicionados em sala específica da RT na Área de Arqueologia; solicitar ao setor competente a manutenção

periódica ou substituição dos equipamentos de informática e dos aparelhos de ar-condicionado; solicitar bolsas PCI para conservadores-restauradores tentando suprir, na medida do possível, essa lacuna no quadro da instituição; providenciar termos de uso de imagens e informações, ou de empréstimo, entre outros; atendimento ao público abrangendo pesquisadores, tecnologistas, técnicos, assistentes, bolsistas diversos, alunos de graduação e pós-graduação, contratados e estagiários de projetos; arquivar e registrar a documentação (relatórios, material fotográfico, decalques, mapas, entre outros); arquivar manuais e informações sobre as capacidades e o uso dos equipamentos; atender às diversas demandas das chefias, dos pesquisadores, tecnologistas, técnicos, assistentes e bolsistas, e ainda dos colaboradores de projetos e terceirizados; planejamento de compra de material e elaboração de listas de compras de material permanente e de consumo, específicos para a reserva; emitir relatórios de atividades e evolução do acervo anualmente; registrar e atender as solicitações dos pesquisadores para saída de equipamentos a serem utilizados em trabalhos de campo e de material do acervo para estudos, restauro ou exposições.

- **Atividades de ensino e orientação**

Participar em cursos, treinamentos, e oficinas; ministrar cursos, treinamentos, e oficinas; apoiar e/ou orientar estagiários e bolsistas (orientação de bolsistas sobre organização, acondicionamento, uso do sistema de armazenamento de dados no acervo, acondicionamento dos diferentes tipos de materiais, entre outras atividades).

- **Atividades de divulgação e comunicação**

Apoio a visitas técnicas ao acervo; apoio ao evento “Museu Portas Abertas”, coordenado pelo Serviço de Educação e Extensão do MPEG e também às demandas do Serviço de Comunicação; apoio a filmagens, documentários e outras mídias no âmbito da reserva técnica; receber visitantes (pesquisadores, professores, bolsistas, etc.) de diversas instituições e localidades.

- **Atividades rotineiras: processos organizacionais e planos de melhoria**

Planejar as atividades; monitorar o progresso do trabalho; verificar funcionalidade dos equipamentos; verificar operacionalidade do acervo; monitorar o estado de conservação dos objetos do acervo arqueológico; elaborar relatórios; atender às demandas do MPEG e do IPHAN; buscar recursos para infraestrutura e projetos; apontar a necessidade de contratação de pesquisadores e técnicos; indicar a

ausência e apontar a necessidade premente de conservadores-restauradores; alimentar o banco de dados; buscar contratação de mais pesquisadores, conservadores e restauradores.

Desafios da Conservação

Os problemas enfrentados pela instituição no trato do patrimônio arqueológico são decorrentes principalmente da falta de recursos. Isso se deve, por sua vez, a uma falta de conhecimento, inclusive das instâncias superiores, sobre o tipo e o volume de trabalho desenvolvido na Reserva Técnica.

O desafio maior, portanto, é a conscientização do valor deste patrimônio e sobre como acontece a dinâmica própria do trabalho, entre a Arqueologia, a Museologia e a conservação. Para isto, é importante entender qual o volume real de trabalho, a importância dos profissionais necessários e demais custos envolvidos para garantir essa dinâmica na Reserva Técnica.

A descrição feita no presente artigo, com suas dimensões físicas, tipo e volume do acervo, bem como as já citadas atribuições e atividades desenvolvidas pelos profissionais da instituição, ilustram os desafios atuais da Reserva Técnica.

O acervo arqueológico, motivo central da existência da Reserva Técnica, não conta com a presença de nenhum conservador-restaurador. A Reserva é como um grande hospital, cheio de pacientes, mas com poucas pessoas, não especializadas, tentando fazer todos os procedimentos necessários para restabelecer a saúde de seus pacientes e depois ainda garantir um equilíbrio para que este quadro saudável mantenha-se estável.

Deve-se salientar, primeiramente, que a conservação não deveria começar somente após a escavação e transporte desse patrimônio, mas muito antes de chegar à Reserva Técnica. No momento em que um material arqueológico é encontrado, sendo retirado ou não do local, nasce a responsabilidade de conservá-lo. Ou seja, em Arqueologia, a responsabilidade com a conservação do material começa em campo.

Desde o momento da sua descoberta, já se deve documentar o estado de preservação do material e proceder com métodos que visem o mínimo grau de alteração, para que se garanta a integridade do material e preservação da informação que ele proporciona. Essa responsabilidade continua na sua forma de acondicionamento para o transporte; acondicionamentos temporários; limpeza;

manuseio; pesquisa; acondicionamento e guarda final; planejamento e monitoramento de métodos aplicados para a conservação preventiva; métodos escolhidos para a restauração; documentação dessas várias fases; e todas as mudanças e acontecimentos posteriores relacionadas aos objetos.



Figura 7 - Fragmentos em fase de análise e remontagem/restauração. **Fotos:** Camila Fernandes, 2015

A ausência de conservadores permanentes no quadro de funcionários motiva os esforços para trazer conservadores à Reserva Técnica algumas vezes por ano. Durante esses períodos, o que o conservador-restaurador vê é um número insuficiente de funcionários permanentes, atualmente dois, tentando aprender procedimentos de conservação, fazendo perguntas e querendo absorver ao máximo informações que beneficiem a conservação do acervo. Quando o tempo dos conservadores acaba, os funcionários revezam seu tempo entre as muitas atribuições dos seus cargos, já citadas, e trabalhos de conservação e até de restauração porque, se não fizerem, quem os fará?

Apesar da possibilidade de contratar conservadores-restauradores através de bolsas, o que se pode observar é que nos curtos períodos em que se tem um conservador disponível, há tantos problemas a serem resolvidos que, além de não se

dar início ao tratamento de muitos objetos, também não é possível terminar todas as atividades iniciadas.

A Figura 8, a seguir, evidencia a importância do conservador-restaurador. Encontrada em bom estado de conservação, a madeira encharcada deteriorou-se em consequência da secagem rápida e da proliferação de fungos, ressentindo-se da falta de tratamento adequado. Por outro lado, no objeto restaurado em gesso branco, não existiria a possibilidade de uma leitura visual da obra sem a restauração.



Figura 8 – Consequências da ausência/presença de conservador-restaurador. **Fotos:** Camila Fernandes, 2015

Os profissionais em conservação, como em qualquer outra área de trabalho, têm experiências diferentes, mas todos aplicam metodologias de trabalho que dão melhores resultados quando aplicadas com tempo, planejamento e acompanhamento em longo prazo. Um conservador-restaurador permanente em uma Reserva Técnica permite criar coerência e continuidade nos tratamentos, aprimora formas eficientes de monitoramento constante, adaptadas especialmente para aquele acervo e pode manter a cooperação com conservadores que venham ocasionalmente para solucionar problemas específicos. No caso da Arqueologia, o ideal é que haja dois

conservadores, mesmo que um seja assistente, para que pelo menos um conservador possa sempre ir a campo.

A falta de um conservador efetivo na instituição é como não ter um curador ou técnico permanente. Se estes fossem contratados apenas ocasionalmente, não seria possível gerar um ritmo de trabalho adequado e suficiente para a demanda. Também não seria tão produtivo, já que os profissionais têm suas próprias metodologias de trabalho e teriam que se adaptar ao máximo a outra forma de trabalho por um curto período de tempo na instituição, não só continuando trabalhos deixados pela metade como, também, deixando seus próprios trabalhos inacabados para outros.

Além disso, apesar de sua importância para a apreciação e entendimento das obras, a restauração não é um processo definitivo. Não só o material original sofre deterioração, como os produtos utilizados em restauração também se transformam com o tempo. Colas e pigmentos, por exemplo, oxidam e podem perder aderência e mudarem de cor (Figura 9). Essas alterações interferem e confundem no entendimento da obra, sendo necessário um conservador-restaurador para remover restaurações antigas e analisar, segundo uma série de fatores, quais procedimentos serão mais adequados para resgatar a integridade física e estética da peça, sempre com a conservação do original como objetivo principal.



Figura 9 - Exemplos de materiais de restauração deteriorados - peças necessitando de nova restauração. **Fotos:** Camila Fernandes, 2015

Com a ausência de um conservador, perde-se também a oportunidade de se fazer pesquisas científicas próprias dessa área de conhecimento, um outro olhar que contribui com as pesquisas de antropólogos e arqueólogos. Além de preservar mais informações no material desde o momento de sua descoberta e para pesquisas futuras anos depois de estarem na Reserva Técnica, as metodologias de análise também são diferentes das de outras áreas de conhecimento e revelam, de forma muito detalhada, diversas informações sobre as matérias-primas utilizadas, tecnologias e técnicas artísticas, usos posteriores desses materiais e características do seu entorno. São pesquisas que só podem ser feitas com tempo e que também criam avanços na ciência da conservação e restauração.

Além dos esforços anuais para trazer profissionais dessa área, em 2014 e 2015 foram convidados conservadores e especialistas em Antropologia Biológica, cerâmica arqueológica e reservas técnicas de Arqueologia e Etnologia, para efetuar um diagnóstico, avaliando as condições da Reserva, contribuindo e/ou elaborando protocolos.

Ainda em 2014, foi realizado o I Curso de Restauração em Cerâmica Arqueológica, como um investimento na formação de novos profissionais e o I Workshop de Conservação Preventiva de Acervos Etnográficos e Arqueológicos no Estado do Pará. O Workshop, que em breve terá uma segunda edição, foi elaborado para atender à demanda de curadoria dos acervos, pois a maioria da literatura especializada referente a técnicas de curadoria para acervos Arqueológicos e Etnográficos provem de países de clima temperado, não contemplando especificidades da região amazônica.

Este evento do curso de Museologia da UFPA, em parceria com o curso de Arquitetura da UFPA e as Reservas Técnicas de Arqueologia e Antropologia do Museu Paraense Emílio Goeldi, também tem o intuito de aperfeiçoar o conhecimento dos profissionais no campo da Conservação Preventiva, além de possibilitar o debate entre curadores e conservadores para a construção de protocolos de curadoria contextualizados para os referidos acervos. No primeiro ano, foram abordados os temas de climatização de acervos, organização, manuseio e limpeza. Ao final do evento foi elaborado um documento, contendo diretrizes fundamentais para as reservas, e enviado a todos os dirigentes de instituições da Amazônia que possuem acervos Arqueológicos e/ou Etnográficos.

No entanto, o Laboratório de Conservação e Restauração da RTMFS, para acervos arqueológicos apresenta vários problemas estruturais, além da falta de

equipamentos e materiais. A ausência de conservadores-restauradores permanentes faz com que algumas peças sejam tratadas de forma inadequada, outras fiquem esperando tratamento e em muitas peças os tratamentos sejam interrompidos durante muito tempo.

A Reserva Técnica ainda não apresenta o ambiente ideal para a conservação dos acervos, seja por problemas provenientes da inadequação da arquitetura/engenharia predial, da climatização ou da falta de manutenção em geral. Também ainda não se atingiu a situação ideal de ter os mesmos níveis de climatização em todos os lugares contendo acervo, desde a Reserva Técnica até as salas adjacentes, o que é importante para que a movimentação de peças de uma sala a outra, não se depare com variações de umidade e temperatura.

O número e a qualificação de profissionais envolvidos no processo de curadoria são insuficientes, deficientes, ou mesmo inexistentes, em alguns casos. Isso tem dificultado a realização e manutenção de práticas adequadas aos acervos, indicadas pelos especialistas durante os eventos. Fica evidente, portanto, a necessidade de adequar o organograma da instituição para contemplar vagas de profissionais qualificados e destinar recursos, especificamente para manutenção, preservação e conservação deste tão importante acervo.

Conclusão

A Reserva Técnica de Arqueologia do Museu Goeldi guarda vestígios preciosos de culturas amazônicas. Esse patrimônio é importante não só para a cultura brasileira, como também faz parte da extensa história da humanidade.

Retirar um objeto arqueológico do seu contexto, sem pensar nas suas necessidades e processos de conservação, inevitavelmente provoca perdas permanentes. Em outras palavras, escavação sem conservação é vandalismo (PEARSON, 1987).

Considerados bens da União pela Lei nº3.924/61, as peças não pertencem a um arqueólogo, nem a uma reserva técnica, mas a todos os brasileiros. A aplicação de métodos de conservação, portanto, não é uma opção, é uma obrigação.

Com a entrada constante de um imenso volume de materiais recém-chegados de escavações, em estados de degradação variados, e a obrigação de garantir a conservação desse acervo arqueológico, é imprescindível que exista um trabalho em

conjunto entre arqueólogos, curadores, conservadores e técnico-administrativos, para que o acervo que existe hoje não dure o tempo necessário somente para as pesquisas atuais, mas que continue a ser fonte de conhecimento para as futuras gerações.

Referências

BARBOSA, Carlos Augusto Palheta. As iconografias das urnas funerárias antropomorfas Maracá (Amapá) – a coleção Gruta das Caretas. 2011. 188p. *Dissertação* (Mestrado), Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia, Teresina - PI, 2011. Orientadora: Profa. Dra. Edithe da Silva Pereira.

BARRETO, Cristiana. *Arte e arqueologia na Amazônia antiga*. Center for Brazilian Studies, University of Oxford, Working Paper 66, 2005.

CORRÊA, Conceição Maria Gentil. Fases ceramistas não-sambaqueiras do litoral do Pará. 1985. 220p. *Dissertação* (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, 1985. Orientador: Profa. Dra. M. Gabriel Martin Ávila.

_____. Horticultores pré-históricos do litoral do Pará, Brasil. *Revista de Arqueologia*, v.4, n.2, p.137-252, 1987.

FIGUEIREDO, Napoleão. A cerâmica arqueológica do rio Itacaiúnas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, n. 27, p.01-17, julho 1965 (Nova Série Antropologia).

GUAPINDAIA, Vera Lúcia. Fontes históricas e arqueológicas sobre os Tapajó de Santarém: a coleção “Frederico Barata” do Museu Paraense Emílio Goeldi. 1993. 294p. *Dissertação* (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, 1993. 2 vols. Orientadora: Profa. Dra. M. Gabriel Martin Ávila.

_____. Cultura Santarém – história e iconografia. In: *MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI*. Arte da terra: resgate da cultura material e iconográfica do Pará. Belém: Edição SEBRAE, 1999. p.34-43.

_____. Cultura Maracá – história e iconografia. In: *MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI*. Arte da terra: resgate da cultura material e iconográfica do Pará. Belém: Edição SEBRAE, 1999. p.44-53.

_____. Encountering the ancestors: the Maracá urns. In: McEWAN, Colin; BARRETO, Cristiana; NEVES, Eduardo Goes (Eds). *Unknown Amazon*. London: The British Museum Press, 2001. p.156-173.

_____. Prehistoric funeral practices in the Brazilian Amazon: the Maracá urns. In: SILVERMAN, Helaine; ISBELL, William H. (Orgs.). *Handbook of South American Archaeology*. New York: Springer, 2008. p.1005-1026.

_____. Além da margem do rio – a ocupação Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA. 2008. 194p. *Tese* (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008. Orientador: Prof. Dr. Levy Figuti.

HUSSAK, Lucia; GUAPINDAIA, Vera. Patrimônios entrelaçados: Coleção arqueológica e etnográfica. In: *Catálogo da exposição: Reencontros: Emílio Goeldi e o Museu Paraense*. Belém: MPEG, Gráfica Santa Marta. 2006.

LOPES, Daniel Florêncio Fróes; SILVEIRA, Maura Imazio; MAGALHÃES, Marcos Pereira. Levantamento arqueológico. In: *Relatório final do projeto Estudo e preservação de recursos humanos e naturais da área do Projeto "Ferro Carajás"*, v.1. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1988.

MAGALHÃES, Marcos Pereira. *Arqueologia de Carajás*. A presença pré-histórica do homem na Amazônia. Rio de Janeiro: Companhia Vale do Rio Doce, 1995.

McEWAN, Colin; BARRETO, Cristiana; NEVES, Eduardo. (Eds.). *Unknown Amazon. Nature in culture in ancient Brazil*. London: British Museum Press, 2001.

MEGGERS, Betty Jane. La cerámica temprana en América del Sur: ¿invención independiente o difusión? *Revista de Arqueología Americana*, n.13, p.07-40, jul./dic. 1997.

_____. The mystery of the Marajoara: an ecological solution. *Amazoniana*, v.16, n.3 e 4, p.421-440, 2001.

MEGGERS, Betty; EVANS, Clifford. *Archaeological investigations at the mouth of the Amazon*. Washington DC: Govt. Print. Off., 1957. 664 p., il., 112 plates, maps, tables (Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology Bulletin, 167).

_____. A reconstituição da pré-história Amazônica: algumas considerações teóricas. In: SIMÕES, Mário F. (Ed.). *O Museu Goeldi no ano do Sesquicentenário*. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Museu Paraense Emílio Goeldi, 1973. p.51-69 (Publicações Avulsas n. 20).

MEIRELLES, Ana Cristina. Resque. Muiraquitãs e contas do Tapajós no imaginário indígena: uma análise químico-mineralógica e de impacto social desses artefatos na realidade dos povos pré-históricos da Amazônia. 2011. *Tese* (Doutorado), Universidade Federal do Pará - PPGG, Belém - PA. 2011. Orientador: Marcondes Lima da Costa

PEARSON, Colin. *Conservation of Marine Archaeological Objects*. Butterworths. Londres, 1987.

PEREIRA, Edithe da Silva. Programa de arqueologia preventiva na área da mineração Serra do Sossego - PA. *Relatório de laboratório*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2003.

PEREIRA, Edithe; GUAPINDAIA, Vera (Orgs.). *Arqueologia Amazônica*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; IPHAN; SECULT, 2010. 1112 p. 2 v.

PEREIRA, Edithe da Silva; SILVEIRA, Maura Imazio; RODRIGUES, Maria. Christina. Leal Ferreira; ARAUJO COSTA, Cíntia Jalles de Carvalho; MACHADO, Christiane Lopes. A tradição Tupiguarani na Amazônia. In: PROUS, André; LIMA, Tânia Andrade (Eds.). *Os ceramistas Tupiguarani*. Belo Horizonte: Sigma, 2008. p.49-66.

PLENDERLEITH, Harold James. *La Conservación de Antigüedades y Obras de Arte*. Oxford University Press, 1956 - Soler. Valencia, 1967.

ROOSEVELT, Anna Curtenius. Early pottery in the Amazon. Twenty years of scholarly obscurity. In: BARNETT, William K.; HOOPES, John. Wilton. (Eds.). *The emergence of pottery*. Technology and innovation in ancient societies. Washington DC: Smithsonian Institution Press, 1995. p.115-131.

_____. *Moundbuilders of the Amazon: geophysical archaeology on Marajó Island, Brazil*. San Diego: Academic Press, 1991.

ROOSEVELT, Anna Curtenius; COSTA, Marcondes Lima; MACHADO, Christiane Lopes; MICHAB, M.; MERCIER, Norbert.; VALLADAS, Hélène.; FEATHERS, James; BARNETT, William.; SILVEIRA, Maura Imazio; HENDERSON, Andrew; SLIVA, Jane; CHERNOFF, B.; REESE, D. S.; HOLMAN, J. A.; TOTH, Nicholas; SCHICK, Kathy Paleindian cave dwellers in the Amazon: the peopling of the Americas. *Science*, v.272, n.5260, p.373-384, Apr. 19 1996.

ROOSEVELT, Anna Curtenius; HOUSELEY, Rupert; IMAZIO DA SILVEIRA, Maura; MARANCA, Silvia; JOHNSON, R.. Eighth millennium pottery from a prehistoric shell midden in the Brazilian Amazon. *Science*, v.254, p.1621-1624, Dec. 13 1991.

SCHAAN, Denise Pahl. 2004. The Camutins chiefdom: rise and development of complex societies on Marajó Island, Brazilian Amazon. *PhD Thesis*, Graduate Faculty of College of Arts and Sciences, University of Pittsburgh, Pittsburgh, 2004. 497p. Orientador: Prof. Dr. Jim Richardson.

_____. A arte da cerâmica Marajoara. Encontros entre passado e presente. *Habitus*, Goiânia, v.5, n.1, p.99-117, jan. / jun. 2007

SILVEIRA, Maura Imazio. Estudo sobre estratégias de subsistência de caçadores-coletores pré-históricos do sítio Gruta do Gavião, Carajás (Pará). 1994. 159p. *Dissertação* (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994. Orientadora: Profa. Dra. Silvia Maranca.

SILVEIRA, Maura Imazio; RODRIGUES, Maria. Christina. Leal Ferreira; MACHADO, Christiane Lopes; OLIVEIRA, Elisangela Regina de; LOSIER, Louis-Martin. Prospecção arqueológica em áreas de floresta – contribuição metodológica da pesquisa na área do Projeto Salobo (Pará). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n.19, p.155-178, 2009.

SILVEIRA, Maura I.; OLIVEIRA, Elisangela Regina de; KERN, Dirse; COSTA, Marcondes Lima; RODRIGUES, Suyanne Flávia. O sítio Jabuti, em Bragança, Pará, no cenário arqueológico do litoral amazônico. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas*, Belém, v.6, n.2, p.335-345, 2011.

SILVEIRA, Maura Imazio; RODRIGUES, Maria Christina Leal F.; OLIVEIRA, Elisangela Regina de; LOSIER, Louis-Martin. Seqüência cronológica de ocupação na área do Salobo (Pará). *Revista de Arqueologia*, Sociedade de Arqueologia Brasileira, v. 21, n. 1, p. 61-84, 2008.

SILVEIRA, Maura Imazio; SCHAAN, Denise Pahl. A vida nos manguezais: a ocupação humana na Costa Atlântica Amazônica durante o Holoceno. In: PEREIRA, Edithe; GUAPINDAIA, Vera (Orgs.). *Arqueologia Amazônica*. v. 1. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; IPHAN; SECULT, 2010. p.35-48.

SIMÕES, Mário Ferreira. Coletores-pescadores ceramistas do litoral do Salgado (Pará). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série Antropologia, Belém, n.78, p.1-26, março 1981.

_____. A pré-história da bacia Amazônica: uma tentativa de reconstituição. In: *Cultura Indígena, textos e catálogo*. Semana do Índio, Museu Goeldi, Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1982. p.05-21.

_____. Salvamento arqueológico. In: ALMEIDA JR., José Maria G. (Org.). *Carajás: desafio político, ecologia e desenvolvimento*. Brasília: São Paulo, CNPq: Editora Brasiliense, 1986. p.534-559.

SIMÕES, Mário Ferreira.; ARAUJO COSTA, Fernanda. Pesquisas arqueológicas no baixo rio Tocantins (Pará). *Revista de Arqueologia*, Sociedade de Arqueologia Brasileira, Belém, v.4, n.1, p.11-27, jun. 1987.

SIMÕES, Mário Ferreira; LOPES, Daniel Florêncio Fróes.; SILVEIRA, Maura Imazio.; MAGALHÃES, Marcos Pereira. Nota sobre as pesquisas arqueológicas em Carajás. *American Antiquity* (Current Research), v.50, n.1, p.175, 1985.

SILVERMAN, Helaine; ISBELL, William (Orgs.). *Handbook of South American Archaeology*. New York: Springer, 2008.

STOLOW, Nathan. Conservation and Exhibitions. *Packing, transport, storage and environmental considerations*. Butterworths. Londres, 1987.